

SYLWIA MIKOŁAJCZAK

Universidade Adam Mickiewicz, Poznań

era104@onet.pl

A PERSPECTIVA COMPARATIVA DO PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO, PRETÉRITO PERFECTO COMPUESTO E PRESENT PERFECT

Abstract. Sylwia Mikołajczak, *A perspectiva comparativa do pretérito perfeito composto, pretérito perfeito compuesto e present perfect* [Comparative perspective of pretérito perfeito composto, pretérito perfecto and present perfect], *Studia Romanica Posnaniensia*, Adam Mickiewicz University Press, Poznań, vol. XL/1: 2013, pp. 81-93. ISBN 978-83-232-2542-3. ISSN 0137-2475. eISSN 2084-4158.

The aim of this paper is to highlight a problematic use of the Portuguese tense Pretérito Perfeito Composto in comparison to the use of English Present Perfect and Spanish Pretérito Perfecto Compuesto. A great number of mistakes in use of this tense is observed in the students' production in their L3 Portuguese as a result of apparent similarity between the Portuguese and the Spanish tense. The article is expected to present differences in temporal and aspectual approaches of these tenses. The use of Portuguese construction is much more restricted, limited in fact to the imperfect, repeated or prolonged actions that continue in the present. However, the apparent similarities in form provoke the students to transfer the tense constructions from the other languages. We observe the mechanisms of transfer and try to underline the essential differences in usage of these tenses.

Keywords: contrastive grammar, interlanguage, interferences, tense, aspect, perfect, imperfect

1. INTRODUÇÃO

A ideia para a elaboração deste pequeno artigo teve o seu início na sala de aula de português com os estudantes de filologia espanhola, os quais, como é fácil de prever, tendo mais contato com o espanhol do que com o português costumam servir-se da língua (L2) do seu programa de estudos no momento da produção em L3, o português. Há uma série de fatores que influenciam as interações linguísticas nestas condições. Um deles é o grau de semelhança entre as duas línguas, percebido e real, um fenómeno descrito como psicotipologia (E. Kellerman, 1986). Outro fator é o nível de proficiência em cada uma das línguas. É previsível que o idioma mais conhecido seja mais influente sobre a língua-alvo, mas tal pode dar origem, por sua vez, a outros problemas. A língua melhor dominada pelos estudantes é a sua língua materna, mas muitas vezes os seus efeitos são limitados quando o critério de similaridade tipológica

é predominante. As nossas observações confirmam, no entanto, que apesar da proficiência em língua ser um fator importante, muito mais importante é o papel desempenhado pela semelhança linguística ou metalinguística. A quarta língua que nos vai servir de suporte da hipótese apresentada é o inglês, uma língua bem dominada pelos alunos e, ao mesmo momento, uma língua aprendida por eles como a primeira língua estrangeira (L1). Trata-se, por conseguinte, de um elemento de grande importância na formação das experiências individuais dos estudantes e no que diz respeito à aprendizagem de línguas em geral.

A situação em que se encontram os alunos afeta certamente a ativação da L2 (espanhol). Adicionalmente, a aprendizagem ocorre no contexto de aulas académicas, na mesma escola, no mesmo ambiente, onde os alunos utilizam quase 80% do tempo a língua espanhola. Há-de notar-se que a ativação de uma outra língua no momento de produção da língua-meta é o resultado de vários fatores complexos. Um aluno pode ativar apenas uma esfera particular, uma unidade semântica, ou um grupo de palavras funcionais (Poullisse, Bongaerts, 1994) durante a comunicação em L3. Outro fator, que tem impacto sobre a interação interlinguística, é a forma na qual as línguas são adquiridas. Como é sabido, pode-se adquirir a linguagem de uma maneira natural ou aprendê-la artificialmente durante um processo de aprendizagem formal. Nota-se que há mais influência entre as línguas adquiridas de um modo semelhante (Vildomec, 1963; Singleton, 1987).

O nosso ambiente de estudo, no qual se observa contacto linguístico dando origem a interlínguas, reflete interações ao nível lexical, sintático, fonológico e pragmático. As interferências interlinguísticas estão presentes em cada subsistema de língua, incluindo a morfo-sintaxe.

O nosso objetivo é dedicar este espaço ao exemplo de um uso gramatical limitado e exclusivo. Assim, observou-se durante as aulas um grande grau de incerteza e confusão em relação ao uso do tempo denominado nas gramáticas da língua portuguesa de *Pretérito Perfeito Composto*, de que dão conta, a título de exemplo, os seguintes enunciados:

- (1) a) ***Tenho falado** com o professor de manhã.
b) **He hablado** con el profesor esta mañana.
- (2) a) ***Como a Marta tem dito**. (fazendo referência ao interlocutor anterior)
b) **Como Marta ha dicho**...
- (3) a) **Tenho-o visto** na rua hoje.
b) **Lo he visto** en la calle hoy.

O *Pretérito Perfeito Composto*, constituído pelo verbo auxiliar *ter* e o particípio do verbo principal, expressa uma ação repetida ou contínua que perdura no presente.

Os fatores pelos quais este tempo gramatical provoca tanta confusão nos estudantes são pelo menos três. Primeiro, o uso dos tempos das outras línguas conhecidas pelos estudantes, nomeadamente o espanhol e/ou o inglês, pode ser considerado equivalente em relação ao seu valor formal. Todos são construídos tendo como base

o verbo auxiliar (to *have*, *haber*, *ter*¹) mais o particípio passado, e devemos recordar que a concentração na forma é dominante na instrução escolar de uma língua estrangeira. No entanto, o polaco não pode servir como uma fonte de imitação formal, pois não há na língua materna formas temporais compostas. Além disso, todas apresentam uma questão de *relação aberta* entre o presente e o passado. Por outro lado, a estrutura tempo-aspetual da nossa língua materna, que consideramos desempenhar um papel importante na aprendizagem de uma língua estrangeira, não ajuda os estudantes a formularem as associações corretas. Por último, as gramáticas não se dedicam a uma explicação profunda das diferenças semânticas do uso temporal, concentrando-se unicamente numa formulação de regras básicas que muitas vezes não encontram nenhuma aplicação prática.

Antes de prosseguirmos com a análise das semelhanças e diferenças dos tempos verbais refletidas na fala dos alunos, poderemos fazer as seguintes previsões:

1. A coincidência das formas do Pretérito Perfeito Composto, Pretérito Perfecto Compuesto e Present Perfect pode causar dificuldades na aprendizagem por parte dos estudantes.

2. Partimos do princípio, apoiado na psicotipologia, de que os estudantes vão ser mais tentados a transferir do espanhol ao falarem português, e que serão muito mais cuidadosos quando se trata do inglês, a língua tipologicamente mais distanciada. A diferença significativa desencoraja a transferência.

Para entendermos melhor a raiz das diferenças semânticas que são ao mesmo tempo motivo das transferências desta estrutura temporal deveríamos primeiro aprofundar um pouco os conceitos de tempo e de aspeto.

1.1. O CONCEITO DE TEMPO

A nossa conceção sobre a categoria do tempo é fortemente influenciada pelas definições das gramáticas tradicionais. Os autores Cunha e Cintra (1984: 379) definem o tempo da seguinte forma:

Tempo é a variação que indica o momento em que se dá o facto expresso pelo verbo. Os três tempos naturais são o PRESENTE, o PRETÉRITO (PASSADO) e o FUTURO, que designam, respectivamente um facto ocorrido no momento em que se fala, antes do momento em que se fala e após o momento em que se fala.

As conclusões que podemos tirar desta definição são de que existe uma divisão em três tempos básicos: passado, presente e futuro. Usamos o tempo presente unicamente para falar de um ato presente, e os outros do passado e do futuro, respetivamente. Não estranha que optemos por definições deste tipo pois a tendência do raciocínio humano é simplificar e não complicar as coisas. No entanto, os exemplos em baixo podem desencadear algumas dúvidas:

¹ Vale a pena recordar que o Português é a única língua românica a recorrer ao auxiliar *TER*.

- (4) *Será o Paulo?* (no momento de alguém bater à porta)
 (5) *Para sudoeste, a Lapa, do século XVIII, é uma área de embaixadas e residências elegantes.*
 (Guia de Lisboa: 49)
 (6) *Eu agora era um rei ...* (numa brincadeira de crianças)

Nas frases destes exemplos, os tempos gramaticais não coincidem com a realidade. O uso do futuro em (4) implica uma dúvida, mas uma dúvida que temos agora mesmo. No exemplo (5) usa-se o tempo presente para falar do passado, até de um passado bastante remoto. Finalmente, em (6) aparece a forma do imperfeito para relatar uma realidade presente que inclui o momento da fala.

De facto, a divisão tripartida dos tempos considerada tradicional nem sempre coincide com a realidade. Começamos por distinguir a categoria do *Tense*, um conceito gramatical, e *Time*, que faz parte do mundo real. Observamos a sua presença de forma semelhante na nossa língua materna,

- (7) A: *Karolina jedzie do Anglii.*
A Carolina vai para Inglaterra.
 B: *Kiedy?*
Quando?
 A: *Za trzy dni.*
Daqui a três dias.

A pergunta do interlocutor implica que já há alguma dúvida em relação ao momento de realização da actividade, que deve ser aclarada. Então, o verbo no presente *jedzie* (port. *vai*) não expressa necessariamente uma perspectiva de simultaneidade.

Fizemos estas observações para sinalizar o fato da existência de outros fatores que provavelmente desempenham um papel mais importante no ato de marcar uma referência temporal. Nos nossos exemplos esta referência é realizada apoiando-se em outros marcadores linguísticos, p.ex. adverbiais de tempo: *do século XVIII, agora, za trzy dni*. Também, outros autores (entre eles Catarina de Silva Pereira (2009: 41), na sua tese de mestrado), destacam a importância dos adverbiais do tempo na expressão de temporalidade numa fase inicial de aprendizagem de línguas. A autora afirma que: “os adverbiais temporais, articulados com os tempos gramaticais e processos de organização frásica, facilitam a expressão da localização temporal de determinada situação por parte dos falantes, sendo os adverbiais de posição os mais utilizados em fases iniciais de aquisição”. No que se refere às línguas da questão, I. Casanova (2006: 28) adianta que: “De facto, línguas como o inglês e o português, por exemplo, têm ao seu dispor recursos eficientes de expressão de temporalidade para além do verbo. Estas línguas recorrem com grande eficácia a lexemas e morfemas temporais...”. O mesmo se aplica ao espanhol e ao polaco. Outra questão sobre a qual nos devemos debruçar antes de prosseguirmos para a descrição propriamente dita dos tempos que constituem o tema deste artigo é o fato dos sistemas temporais variarem de língua para língua. Muda o número de tempos gramaticais, juntamente com a perspetivação dos valores temporais. Assim, e embora no caso do português, espanhol e polaco seja possível fa-

lar de um sistema tripartido dos tempos, no inglês observamos a existência de apenas dois: passado e não-passado (*Past Simple/Present Simple*). A forma futura do inglês é de fato realizada por intermédio dos verbos modais *shall/will*, não sendo, portanto, consequência de flexão verbal, e tem mais características de uma perífrase verbal do que de um tempo gramatical *sensu stricto* (Lyons, 1968: 306).

Em relação à perspetivização dos valores temporais, na língua polaca não existe o conceito de tempo de realização de uma ação inscrito no tempo verbal, ou seja o tempo passado polaco não faz referência a há quanto tempo uma ação foi realizada.

- (8) *Zjadłm obiad.*
Comi o almoço.
'Almocei'.

A frase pode tratar da mesma forma um ato que foi realizado há sete anos, bem como um outro que se realizou há apenas um momento. Obviamente, é pouco provável falarmos de um almoço que comemos há sete anos, mas o que queremos constatar é que a forma verbal que iríamos usar em ambas as perspetivas seria igual. O que importa é o facto de realização da ação. Destaca-se portanto que as outras línguas do nosso estudo tendem a comunicar o momento de realização nas formas temporais utilizadas.

Este entendimento conduz-nos a realçar outro fator de grande importância, imprescindível para falarmos das diferenças dos tempos em questão, nomeadamente o aspeto.

1.2. O CONCEITO DE ASPETO

A opinião de que a categoria de aspeto não é suficientemente enfatizada nas descrições do uso de diferentes formas temporais que se encontram na maioria das gramáticas é também partilhada por este artigo. As regras de uso temporal, se não complementadas pelo valor aspetual, vão falhar o seu objetivo em muitos mais casos do que nas supostamente mais importantes regras temporais. Deveremos assim prestar mais atenção às questões relacionadas com o aspeto para explicar a natureza das diferenças entre os tempos verbais.

Igualmente, para fazermos uma comparação dos tempos em foco é necessário concentrarmo-nos na natureza da ação verbal, em elementos como o seu início, duração, conclusão, resultado e desenvolvimento, portanto os elementos que coincidem com a categoria de aspeto. No entanto, teremos que ter em conta que o aspeto não se limita a mecanismos gramaticais. Como já vimos antes nos exemplos (4), (5) e (6), o valor temporal muda juntamente com a aplicação de certas expressões adverbiais. A situação do aspeto é muito similar.

A língua inglesa marca o aspeto através do recurso a auxiliares verbais, mas não só. A informação aspetual pode ser contida tanto nos mecanismos de gramaticalização

como na informação lexical. Mas também, depende muito da natureza do próprio verbo. Alguns verbos implicam ações que têm mais *espessura temporal*, ou seja, podem durar mais tempo, e outras que expressam ações pontuais. Mas, também neste caso o uso aspetual não é tão restringido.

Vejam os exemplos (9) e (10):

- (9) *Someone **knocked** at the door.*
 ‘Alguém bateu à porta’.
- (10) *Someone **has knocked** at the door for more than 15 minutes.*
 ‘Alguém tem batido à porta há mais de 15 minutos’.

É interessante observar nestes exemplos como o valor do verbo *to knock* (port. *bater*) se altera. O verbo costuma implicar uma ação pontual, momentânea, um ato singular, exemplificado em (9). No entanto, no exemplo (10) o mesmo verbo expressa uma ação repetitiva, por outras palavras, multipontual ou iterativa.

Através deste exemplo não se quer afirmar que todos os verbos podem ser tão flexíveis no seu comportamento aspetual. Há verbos que não admitem esta transição, ou pelo menos não com tanta facilidade. Tal é o caso do verbo *to die* (port. *morrer*), nos exemplos a seguir indicados:

- (11) *John **died** yesterday.*
 ‘O João morreu ontem’.
- (12) **John **has died** for more than 15 minutes.*
 ‘O João tem morto por mais de 15 minutos’.
 ‘O João morreu / está morto há mais de 15 minutos’.

Note-se que o exemplo (12) seria aceitável se o verbo tivesse a sua forma progressiva – *has been dying*.

Podemos observar que muito depende da própria natureza do verbo, mas também é inegável que o aspeto se estende a toda a frase, ultrapassando a natureza do verbo.

Outro fator de grande importância no estudo comparativo do aspeto é a perspectiva, ou seja, a relação sutil entre um falante e a ação enunciada. Observem-se as seguintes frases inglesas e os seus equivalentes em polaco, português e espanhol:

- (13) a) *John **has lived** in Lisbon.* (já não mora ali)
 b) *O João **morou** em Lisboa.*
 c) *Jan **mieszkał** w Lizbonie.*
 d) *Juan **vivió** en Lisboa.*

Agora, comparem-se estas duas séries de exemplos:

- (14) a) *John **has lived** in Lisbon until 2003.* (a fronteira temporal não foi fechada, constatamos o facto de ele lá morar naquela altura, mas não sabemos se ele lá continua)
 b) *O João **morou** em Lisboa até ao ano 2003.*
 c) *Jan **mieszkał** w Lizbonie do 2003.*
 d) *Juan **vivió** en Lisboa hasta el año 2003.*

- (15) a) *John lived in Lisbon for 23 years.* (a ação durativa mas acabada)
 b) *O João morou em Lisboa durante 23 anos.*
 c) *Jan mieszkał w Lizbonie przez 23 lata.*
 d) *Juan vivió en Lisboa durante 23 años.*

Podemos constatar que usamos as mesmas formas verbais, seja para expressar uma ação concluída (14) ou inacabada (15). Haverá, então, outros fatores mais relevantes que condicionam a aplicação de uma forma verbal. Mais, a mesma forma num tempo do passado é capaz de destacar o alcance de um objetivo e a resultatividade de uma ação, tal como ilustrado em (16):

- (16) a) *Jadł śniadanie przez 3 godziny.* (processo)
 ‘Tomou o pequeno-almoço durante 3 horas’.
 b) *Jadł śniadanie u mamy.* (iterativo, habitual, valor imperfetivo)
 ‘Tomava o pequeno-almoço na casa da mãe’.
 c) *Zjadł śniadanie w 10 minut* (vento, valor perfetivo)
 ‘Tomou o pequeno-almoço em 10 minutos’.

Os exemplos apresentados previamente fazem-nos formular a hipótese de que o aspeto verbal não é uma categoria limitada somente ao verbo, mas que incide sobre toda a frase. Os valores aspetuais, para além de serem veiculados pela própria forma verbal, e/ou na semântica e forma verbal do auxiliar podem ser obtidos a partir de outros elementos frásicos, tais como, semântica do predicador e alguns adverbiais temporais. A figura em baixo mostra os recursos mais frequentes de possível expressão aspetual:

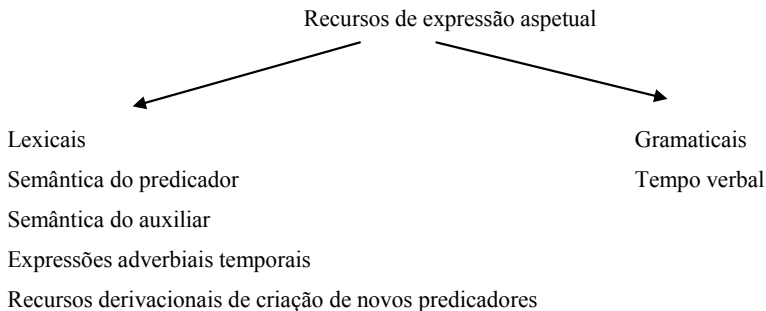


Fig. 1. Recursos de expressão aspetual

Os factores referidos na figura 1 merecem ser ilustrados com os exemplos de cada um dos tipos mencionados. Começando com o valor gramatical, é inegável que a morfologia verbal e o tempo do verbo e o seu valor temporal, é um marcador aspetual significativo:

- (17) a) *Eu tenho encontrado a Maria esta semana.*
 b) *I have met Mary many times this week’.*
 c) *Spotykalem się z Marią w tym tygodniu’.*

O uso do PPC em português marca o aspeto iterativo que se prolonga até ao presente (17a), já em inglês, em (17b), o uso do PP não implica em si uma ação iterativa, sendo por isso necessário introduzir o adverbial de frequência. Em polaco (17c), o verbo aparece no tempo passado e no seu aspeto imperfetivo, marcado por ‘y’ interior que serve para expressar a natureza repetitiva da situação.

O valor da seleção do tempo verbal enquanto recurso aspetual é ainda posto em evidência quando se comparam os exemplos de (17), com os exemplos indicados em (18), a seguir:

- (18) a) Encontrei a Maria esta semana.
 b) *I have met Mary this week*.
 c) *Spotkalem Marię w tym tygodniu*.

Em português, em contraste com o valor aspetual do PPC (17a), a seleção do PPS marca uma ação pontual (18a). A escolha do PP em inglês (18b) pode implicar uma situação pontual, mas também não se sabe com certeza se o encontro se realizou só uma vez. Em polaco, no exemplo (18c) o tempo passado induz uma interpretação aspetual perfetivada da ação denotada pelo verbo, como marca da sua singularidade.

Comparando os exemplos (17) e (18) podemos observar o facto de o aspeto ser mais associado com as formas temporais no português e no inglês do que no polaco, onde a mesma forma temporal indica dois aspetos diferentes. Embora o nível de gramaticalização aspetual seja mais elevado nas primeiras duas línguas, os recursos lexicais e a correlação entre eles e as formas verbais, desempenham um papel indiscutível. Note-se como muda o aspeto das frases anteriores ao introduzirmos alguns adverbiais temporais:

- (19) a) *Eu encontrei muitas vezes a Maria esta semana*.
 b) *I have met Mary many times this week*.
 c) *Spotykalem Marię wiele razy w tym tygodniu* ou
 d) *Spotkalem Marię wiele razy w tym tygodniu*.

A introdução de ‘muitas vezes’, no exemplo do português, em (19a), induz uma interpretação aspetual iterativa, parecida com a do exemplo (17a). Em polaco, é interessante observar que as últimas duas frases (19c) e (19d) ganham um matiz aspetual adicional. No primeiro caso, o encontro torna-se um mero ato de ver a Maria, enquanto no segundo a informação veiculada indica um encontro mais intencional, no qual o falante, na realidade, falou com a Maria.

Outro recurso lexical, a semântica do predicador, também influencia o carácter aspetual da frase. Na maioria dos casos, estabelece-se uma harmonia com os adverbiais temporais, escolhendo-se os advérbios de duração com os predicativos durativos, ou adverbiais temporais pontuais com os predicativos que expressam pontualidade de ação. Portanto, são também frequentes as situações em que a natureza aspetual do predicador se encontra em oposição ao valor aspetual do adverbial, tal como a seguir demonstrado:

- (20) a) *Ele **falou** com a Maria durante uma hora*.
 b) *He **spoke** to Mary for an hour*.
 c) ***Rozmawiał** z Marią przez godzinę*.

No exemplo do português (20a) ‘falou’, tempo verbal PPS, de valor pontual contrasta com o adverbial ‘durante uma hora’, adverbial de duração, tal como em inglês, (20b) com a forma verbal ‘spoke’, de valor pontual, e o adverbial ‘for an hour’. No exemplo (20c), o valor imperfetivo do verbo ‘rozmałiał’ contrasta com o adverbial durativo ‘przez godzinę’.

1.3. OS TEMPOS PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO, PRETÉRITO PERFECTO COMPUESTO E PRESENT PERFECT – COMPARAÇÃO

O problema que os estudantes encontram ao aplicarem as formas do tempo Pretérito Perfeito Composto explicar-se-ia melhor a partir de uma comparação entre as diferenças e semelhanças com os tempos de função similar das outras línguas. Os estudantes tentam transferir do espanhol todas as regras do uso do Pretérito Perfecto Compuesto (comparem-se os exemplos (1), (2), (3)). Estes tempos consistem em formas complexas análogas e constituem uma mistura entre categorias temporais e aspetuais. Existem entre ambos evidentes semelhanças formais que podem aumentar a percentagem de erros aquando da produção por parte dos estudantes. As associações que os alunos podem fazer automaticamente partem do princípio de que o Pretérito Perfecto Compuesto é uma das questões mais ambíguas da gramática espanhola.

Em relação às regras do uso do Pretérito Perfecto Simple, estas são relativamente fáceis de explicar, sendo que as do Pretérito Perfecto Compuesto não são sempre tão claras. Ambos referem-se a situações passadas que mantêm uma relação com o presente. Isto é normalmente explicado como um predicador de uma ação que se prolonga e que se repete até ao momento presente, que é de facto um uso equivalente a o do Pretérito Perfeito Composto português. Se este fosse um mero caso de identificação destes tempos seria 100% correto, mas na verdade não é bem assim. Eis os seguintes exemplos do português (21):

- (21) a) *O João **morreu***.
 b) **O João **tem morto***.

que contrastam com os exemplos do espanhol e do inglês:

- (22) a) *Juan **ha muerto***.
 b) *John **has died***.

Para o espanhol (22a) e o inglês (22b), ação acabou, a única coisa que permanece até ao presente é o efeito desta ação, o homem continua morto. A língua portuguesa, como podemos observar, não faz referência ao efeito. O que importa é que a ação foi concluída (21a).

Importa reter que no Pretérito Perfecto Compuesto e no Present Perfect a ação encontra-se «perfeita» no momento da fala e não se define quando exatamente aconteceu, dando-se assim mais relevância ao facto propriamente dito do que ao tempo decorrido da ação.

O nome Pretérito Perfeito Composto é de facto enganador, simplesmente porque não descreve ações perfeitivas, como é o caso do inglês e do espanhol.

- (23) a) '**Moro** em Lisboa há três semanas'.
 b) '**Vivo** em Lisboa hace tres semanas'.
 c) '**I have lived** in Lisbon for 3 weeks'.
 d) '**Mieszka**m w Lizbonie od trzech tygodni'.

O português (23a), espanhol (23b) e polaco (23d) utilizam neste caso o tempo presente que tem valor de imperfectividade. Em inglês, o uso do Present Perfect, em (23c), é o tempo para indicar esse valor. Quando retirada a locução adverbial (*for 3 weeks*), perdemos este valor e a frase torna-se perfeitiva:

- (24) a) **I have lived** in Lisbon.
 b) '**Morei** em Lisboa'.
 c) '**He vivido** en Lisboa'.
 d) '**Mieszka**łam w Lizbonie'.

Em português, a perfectividade é obtida pelo uso do PPS (24b), enquanto que em espanhol o mesmo valor pode ser transmitido através do PPC (24c). Assim, em Português a diferença entre o PPS e o PPC é de natureza aspectual (veja-se o contraste entre 'Vivi em Lisboa', com valor perfectivo e 'tenho vivido sempre em Lisboa', com valor durativo e imperfectivo). Em espanhol a distinção entre o PPS e o PPC não é de natureza aspetual (ambos são perfeitivos). Ambos tempos verbais remetem para uma ação realizada no passado e já terminada, mas o PPC indica uma ação mais próxima do momento de enunciação, tal como no exemplo retirado de Ceolin (2003: 42):

- (25) '**Ayer comí** en casa pero hoy **he comido** en el restaurante aquí al lado'.

O interessante é que no antigo português padrão o Pretérito Perfeito Composto era também usado para indicar ações perfeitivas. Podemos encontrar este uso perfeitivo em muitos exemplos de literatura:

- (26) *Como a dita D. Leonor é mulher muito conveniente para ele, pelas razões sobreditas, **tem tratado** com ela o seu casamento.* (Saraiva, 1993: 78)

O modelo português do emprego deste tempo afastou-se hoje em dia definitivamente do modelo das outras línguas romances e do inglês. Apresenta atualmente um valor de iteratividade que se prolonga até ao presente e, devido a esse facto, trata-se aqui exclusivamente do seu valor imperfectivo. Em relação às frases no Present Perfect ou Pretérito Perfecto Compuesto, estas não expressam necessariamente um valor de duratividade ou iteratividade.

- (27) a) *John **has seen** the film.*
 b) *Juan **ha visto** la película.*
 c) *O João **viu** o filme.*

Não é necessário acrescentar nenhuma palavra auxiliar para que o sentido do valor desta expressão temporal seja explícita e clara. O Pretérito Perfeito Composto não pode ser usado numa situação idêntica (*O João tem visto o filme). Porém, tendo um uso tão específico, é compreensível o seu uso mais limitado em comparação com as outras línguas do nosso estudo.

O seguinte quadro apresenta, em síntese, as diferenças estruturais dos valores aspetuais mais salientes nas quatro línguas:

Quadro 1

Síntese : Valores aspetuais (polaco, inglês, espanhol e português)

| Valores aspetuais | Polaco (LM) | Inglês (L1) | Espanhol (L2) | Português (L3) |
|----------------------------------|---|---|--|--|
| Evento durativo + perfeito | Mieszkał w Lizbonie przez 6 lat. | He lived in Lisbon for six years. | Él vivió en Lisboa durante seis años. | Ele morou em Lisboa durante seis anos. |
| Evento durativo + imperfeito | Mieszka w Lizbonie od 6 lat. (presente) | He has lived in Lisbon for six years. (PP) | Él vive en Lisboa hace seis años. (presente) | Ele mora em Lisboa há seis anos. (presente) |
| | Spałam całą noc. (passado) | I slept all night. (PS) | He dormido en toda la noche. (PPC) | Dormi toda a noite. (PPS) |
| Evento não durativo + imperfeito | Przyjechała taksówka. (passado) | The taxi has arrived . (PP) | Ha llegado el táxi. (PPC) | Chegou o táxi. (PPS) |
| Evento não durativo + iterativo | Spotykalem się z Marią w tym tygodniu. (valor imperfeito do verbo passado) | 'I have met Mary many times this week'. (PP) | Me he encontrado con María um par de veces esta semana. (PPC) | Eu tenho encontrado a Maria esta semana. (PPC) |
| Estado + iterativo | Jestem chory od jakiegoś czasu. (presente com um adverbial temporal) | I've been ill for some time now. | He estado enfermo hace algún tiempo. (PPC) | Tenho estado doente. (PPC) |

Foi-nos possível constatar que as previsões formuladas no início foram cumpridas. Tal como evidenciado pelo quadro 1, os estudantes evitam o recurso à imitação das formas do polaco porque não encontram similaridades formais nem aspetuais com o português. O inglês, embora mostre mais semelhanças formais, também não fornece muita aplicação prática. A língua que escolhem como fonte de interferências

é o espanhol. A possibilidade de estabelecer correlações é facilitada pela similitude observável entre os dois sistemas quando está em causa o valor da iteratividade, quer se trate de eventos não durativos ou de estados (exemplos, no quadro 1). No entanto, este facto poderá levar os estudantes a estenderem esta relação de equivalência a outros contextos, resultando em enunciados não aceitáveis em português. Tal facto, deveria motivar o professor no sentido de as interpretar linguisticamente de forma a dar mais relevo às peculiaridades aspetuais e às diferenças formais existentes entre estas duas línguas.

2. CONCLUSÕES

Aproveitou-se esta oportunidade para se demonstrar que o Pretérito Perfeito Composto do português (L3) difere de facto do Present Perfect (inglês, L1) e Pretérito Perfecto Compuesto (espanhol, L2) de acordo com os princípios contrastivos que acabaram de ser apresentados. Acima de tudo, convém realçar que o Pretérito Perfeito Composto português não assinala perfectividade, diferindo, assim, do que nos dias de hoje se verifica no inglês, no espanhol e em todas as línguas românicas. Espera-se que o problema com que os estudantes polacos se deparam no momento da utilização desta estrutura temporal possa ser melhor explicado a partir de algumas diferenças entre as três línguas.

Apesar de alguns casos, nomeadamente, quando estão em causa eventos durativos/imperfetivos vs eventos não durativos/perfetivos (veja-se quadro 1), o português (L3) e o polaco (LM) mostrem evidentes confluências formais, as nossas observações permitem evidenciar que na produção das estruturas analisadas em L3, os estudantes costumam imitar as formas do espanhol (L2). Resulta assim que a semelhança tipológica é o fator mais forte na formação de interlíngua, mesmo num contexto de aprendizagem em que a língua materna dos estudantes é o polaco. Desta forma, tentou-se concretizar um dos imperativos que a gramática contrastiva das línguas tem para oferecer: facilitar o entendimento e a aprendizagem dos fundamentos do uso gramatical presente na língua.

BIBLIOGRAFIA

- BARROSO, Henrique (2007): *Para uma gramática do aspecto no verbo português*, Diss. Doutorado. Disponível: URL: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/7987>>, consulta 02.01.2013
- CASANOVA, Isabel (2006): *Linguística Contrastiva, O ensino da língua inglesa*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- CEOLIN, Roberto (2003): Falsos amigos estruturais entre o português e o castelhano. *IANUA* 4, 39-48. Disponível em URL: <http://www.romaniaminor.net/ianua/ianua04/ianua04_05.pdf>, consulta 03.01.2013.

- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley (1984): *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá de Costa.
- GUIA AMERICAN EXPRESS (2004): *Lisboa*. Porto: Dorling Kindersley – Civilização Editores.
- KELLERMAN, Eric; SHARWOOD SMITH, Michael (1986): *Cross-linguistic Influence in Second Language Acquisition*. Oxford: Pergamon.
- LYONS, John (1968): *Introduction to Theoretical Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MATEUS Maria Helena; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel (2003): *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- POULISSE, Nanda; BONGAERTS, Theo (1994): «First language use in second language production». *Applied Linguistics* 15 (1): 36-57.
- SARAIVA, António José (1993): *As crónicas de Fernão Lopes*. Lisboa: Gradiva.
- SILVA, Catarina Pereira (2009): *Oposições aspectuais em português como língua segunda: o caso dos falantes de russo em contexto de imersão*. Tese de Mestrado, Coimbra. disponível em: URL: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/13482/1/Tese_mestrado_Catarina%20Silva.pdf>, consulta: 02.01.2013.
- SINGLETON, David (1987): «Mother and other tongue influence on learner French: A case study». *Studies in Second Language Acquisition* 9 (3): 327-345.
- VILDOMEČ, Věroboj (1963): *Multilingualism*. Leyden: A.W. Sythoff.